

## AS CONCEPÇÕES DOS DISCENTES DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA DA UFRPE SOBRE LGBTs, GENÉTICA E SEXUALIDADE

Débora Silva<sup>1,2</sup>; Gisele Santos<sup>1</sup>; Jussara Silva<sup>1</sup>; Nara Freitas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco,

<sup>2</sup>deboraevenny18@hotmail.com

### Introdução

A genética humana estuda a hereditariedade e a variabilidade dos seres humanos e engloba diversas áreas de estudos como a clássica, molecular, bioquímica, populações, desenvolvimento, clínica e citogenética. O cariótipo humano possui 23 pares de cromossomos, sendo um deles correspondente aos cromossomos sexuais. O gênero em sua completa definição em humanos é determinado pelo os cromossomos X e Y, razão pela qual estamos definindo o estudo da genética, sexualidade e suas diferentes expressões para LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) de biogêneros. A epigenética modifica a atividade dos genes durante o desenvolvimento, ligando e desligando genes sem alterar sua estrutura química (RICE et al, 2013). Na era pós genômica, a epigenética pode ser pensada como a “complexidade do eu” proposta, por MORIN (2001), para os estudos educacionais atuais. Visto que, a análise genotípica e fenotípica, de diferentes genes, responsáveis pelo biótipo de cada pessoa, também é complexa. Depende da compreensão de diferentes expressões de genes que vão se associar para moldar o biótipo de cada indivíduo, sua história, em seu tempo e em seu ambiente (FUTUYMA, 2007). Ao contrário do que se pode imaginar, a complexidade da análise epigenética não é sinônimo de complicação e sim da coesão de vários aspectos da biologia de qualquer ser vivo. O indivíduo heterossexual ou não apresenta um biótipo, produto final não apenas dos seus cromossomos XX ou XY mais também, simultaneamente, de diferentes genes autossômicos e de suas diversas variações e interações genotípicas e fenotípicas. Entendemos que os conhecimentos básicos da genética e suas diferentes áreas é uma condição indispensável para desconstruir preconceito em relação à biologia e a história dos movimentos LGBTs. Temas sobre a sexualidade e a orientação sexual foram incorporados ao currículo como transversais, pelos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), fortalecendo as discussões nos estabelecimentos de ensino e enriquecendo as intervenções pedagógicas. Ao mesmo tempo, legitimando as ações dos/as professores/as em sala de aula, com os diversos temas sociais e psíquico-biológicos, que contribuirão para a diminuição da frequência de gravidez sem planejamento, de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e do abuso sexual. O preconceito de um professor pode ser determinante para o isolamento do educando. No caso dos LGBTs a falta de cuidado tem elevado o número de suicídio de crianças e adolescentes (Ministério da Saúde, 2013). Este trabalho tem com o objetivo contextualizar os conteúdos de genética e sexualidade relacionados às populações LGBTs e conhecer os perfis dos licenciandos em ciências biológicas.

### Metodologia

A primeira fase do estudo constituiu em análise bibliográfica, posteriormente na elaboração de um questionário semiestruturado online com dezesseis questões que abordando os conteúdos de livros de genética, artigos técnicos científicos de epigenética, ciências sociais e políticas e do Ministério da Saúde. Em seguida, os perfis dos discentes, de licenciatura em ciências biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, foram estruturados a partir de oito questões para assinalar respostas verdadeiras ou falsas e, oito para os entrevistados opinarem em uma escala de concordância ou não com as sentenças apresentadas e os dados coletados foram avaliados pelas frequências médias de acertos.

## Resultados e discussão

Foram coletadas 104 respostas, 30% dos discentes cursaram apenas a disciplina de Genética Geral (GG) e, 70% cursaram também a disciplina Genética de População e Evolução (GPE). A homossexualidade tem componente genético, estudos com gêmeos univitelinos demonstraram que, quando um deles é homossexual, a probabilidade de o outro também o ser varia de 20% a 50% (RICE *et al*, 2013). Os discentes da UFRPE entrevistados entenderam esses fatos (GG e GPE acetaram em 60% e 90%, respectivamente). Os discentes que cursaram apenas GG apresentam uma maior dificuldade em compreender que os genes apresentam penetrância e expressividade variadas quando comparado com GPE, 17% e 82%, respectivamente. Quando indagados sobre questões políticas e sociais, apresentaram os seguintes perfis: *i*) A intolerância aos grupos LGBTs pode ser relacionada à incompreensão do erotismo, que é uma transgressão por excelência de determinadas doutrinas, que estabelecem a relação sexual apenas para a reprodução. Os discentes GG e GPE concordaram em 58,6% e 82,4%, respectivamente; *ii*) O ódio é uma construção social, não nasce com o indivíduo. A educação sexual é necessária para ensinar sobre as diversidades das orientações sexuais e da própria identidade de cada indivíduo. Os discentes GG e GPE concordaram em 82,7% e 96,9%, respectivamente; *iii*) No Brasil atual, existem diferentes discussões políticas e ideológicas sobre a orientação sexual dos movimentos LGBTs e religiões. A razão das diferenças é o maior espaço para as discussões da sexualidade em contraste com a interpretação literal dos livros sagrados. Os discentes GG e GPE concordaram em 62% e 82,3%, respectivamente; *iv*) Desde 2013, cartórios de todo o Brasil não podem recusar a celebração de casamentos civis de casais do mesmo sexo ou deixar de converter em casamento a união estável homoafetiva. Os discentes GG e GPE concordaram em 75,8% e 86,9%, respectivamente e; *v*) O número de casos de suicídios nos grupos LGBTs revela o sofrimento de pessoas em uma sociedade intolerante e preconceituosa. Os discentes GG e GPE concordaram em 87,2% e 91,2%, respectivamente. No presente trabalho aceitasse que o termo orientação sexual foi construído devido a uma conquista histórica de classe e não que a homossexualidade, bissexualidade e transexuais sejam de origem apenas genotípica ou fenotípica. Tendo em vista, que na biologia evolutiva é uma falácia afirmar que as variações de uma característica são mais genotípicas ou fenotípicas e vice-versa (FUTUYMA, 2007; SAVIC e LINDSTRÖM, 2008). As diversidades dos desejos nos tornam únicos e, está presente na história da arte mais remota, entretanto com o passar do tempo, por interferência de diferentes movimentos político-sociais, religiosos e da medicina já foram rotulados de doença ou pecado. O crescimento desses movimentos indica, geralmente, um estado não democrático e/ou não laico e sem respeito à diversidade multicultural e a autonomia dos seus cidadãos (FREIRE, 1993; SOUZA, 2003). A sexualidade é parte integrante da personalidade de cada um, que por sua vez influencia pensamentos, sentimentos, ações, interações e a saúde física e mental (EGYPTO, 2003). Temos, também, 21% dos futuros professores indiferentes ao fato de existir um maior número de suicídios de jovens LGBTs. Segundo Johnson (2013), cerca de 20% a 30% dos jovens entre 15 e 29 anos morrem, desta forma, por falta de assistência.

## Conclusões

Os temas transversais relacionados ao mundo LGBTs ainda são pouco trabalhados nos planos de aulas do curso de graduação; Mesmo entre os discentes que entendem um maior número de fatos sobre genética e sexualidade existe preconceito em relação aos **Biogêneros**; Existe um sinal que propostas intervencionistas e multidisciplinares são firmemente necessárias. Porém, é essencial que o processo de desconstruir preconceitos seja sempre apresentado de forma terna.

**Palavras-Chave:** Biogênero; Ciências políticas-sociais; Epigenética.

### **Referências**

- BRASIL. Decreto-Lei 6.286, de 5 de Dezembro de 2007. Institui o Programa de Saúde na Escola-PSE, Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394/1996. 2.ed. Rio de Janeiro, 2010.
- BRASIL. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais/Ministério da Saúde, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, Ministério da Saúde, 2013.
- EGYPTO, A, C.(org.). Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, P.. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.
- FUTUYMA, D. J. Biologia Evolutiva. 3 ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 2009.
- JOHNSON, R. B., OXENDINE, S., TAUB, D. J. and ROBERTSON, J. Suicide Prevention for LGBT Students . New Directions for Student Services, 55–69p, 2013.
- MORIN, E. A cabeça bem-feita. Tradução Eloá Jacobina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- RICE, W. R.; FRIBERG, U., GAVRILETS. Homosexuality via canalized sexual development: A testing protocol for a new epigenetic model. Bioessays. 35: 764–770, 2013.
- SAVIC, I; LINDSTRÖM P. PET and MRI show differences in cerebral asymmetry and functional connectivity between homo- and heterosexual subjects. Proc Natl Acad Sci U S A. 105(27):9403-8. 2008.
- SOUSA-FILHO, A. Orientação sexual: construção política do desejo ou crítica da substancialização. Representação social. Mossoró, Fundação Guimarães Duque, 2003.